

## Inflação acelera em setembro e atinge maior alta desde o Plano Real

A taxa da inflação oficial, medido pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), **não apresenta sinais de desaceleração e avança 1,27% em setembro**, após alta no mês anterior de 0,87%. Esse resultado é o maior patamar para o mês de setembro desde o lançamento do Plano Real em 1994, quando chegou a 1,53% naquele ano.

**No acumulado de 12 meses**, a inflação chegou a 10,25%, maior patamar em 18 anos (15,14% - 2003) na comparação com igual período. **No ano**, o IPCA acumula alta de 6,97%, acréscimo de 1,23 pontos percentuais. **Ambos os resultados infringiram o limite máximo da meta de inflação (3,75%) definida para o ano de 2021**, com margem de tolerância de 1,5 pontos percentuais, para mais ou para menos.

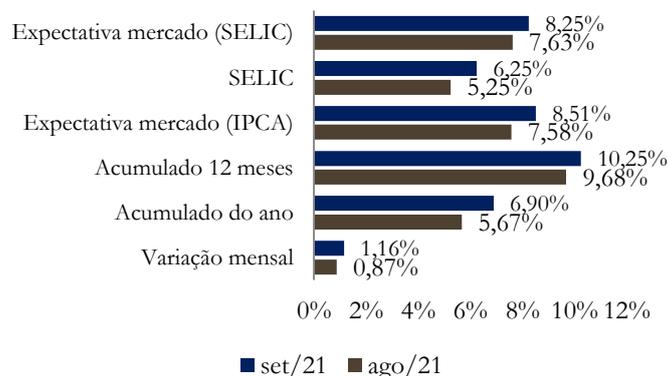
Com esse resultado, fortalece a tendência de manutenção e possível aceleração da alta da taxa SELIC. Desde março, a taxa passou de 2,0% para 6,25% ao ano, mas as expectativas de mercado, segundo relatório Focus de 01/10/2021, indicam SELIC em 8,25% até o final do ano, portanto, a retirada dos estímulos monetários tende a retardar a retomada econômica.

A alta dos preços está refletindo na deterioração do rendimento real médio do catarinense, que sofreu queda 1,4%. Com a renda menor e o orçamento mais apertado, as famílias catarinenses estão reduzindo o nível de consumo atual- o índice teve queda de 16,14% frente à agosto.

Em setembro, 91% dos entrevistados afirmaram estar comprando menos que antes, de acordo com pesquisa realizada pela Fecomércio SC.

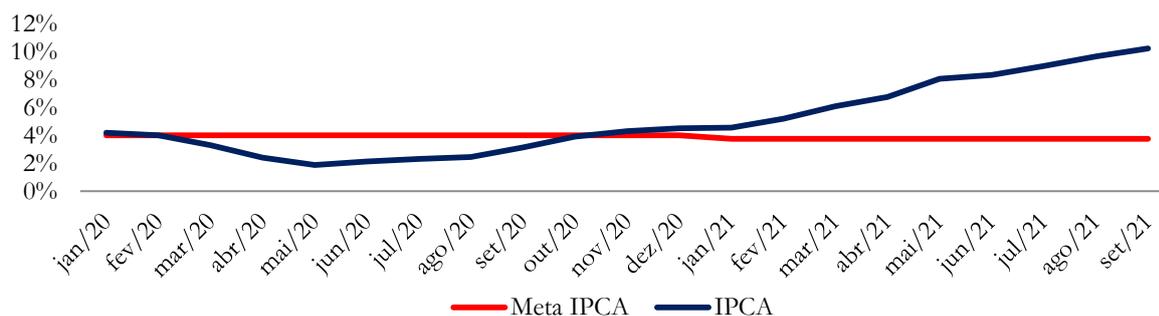
A pressão inflacionária é maior para as classes de renda mais baixas, segundo o estudo realizado pelo IPEA em agosto deste ano. Em 12 meses, a alta dos preços alcança 10,6% (renda muito baixa) e 10,37% (renda baixa), enquanto para a classe de renda alta e médio-alta é de 8,04% e 8,6%, respectivamente. Além de afetar o consumo, a política monetária restritiva (elevação dos juros) tende a reduzir os investimentos ao encarecer o crédito. Em setembro, a confiança dos empresários quanto ao nível de investimento das empresas reduziu drasticamente (18,1%)- o resultado indica maior cautela e insegurança em relação às perspectivas futuras.

### Resultados do IPCA



Fonte: IBGE e Bacen

### Varição acumulada em 12 meses



## Pressão dos preços em diversos produtos

Em 2021, os choques dos preços destoam do ano anterior ao ampliar a variedade dos componentes afetados. Assim, a preocupação do cenário atual está voltada à intensidade do avanço da inflação e a ampliação do aumento de preços para diversos produtos.

Na passagem do mês, a alta atingiu oito grupos de produtos e serviços, apenas o grupo de Educação teve queda de 0,01%. O maior impacto está relacionado aos grupos de Habitação (2,56%), Transporte (1,82%) e Alimentação e Bebidas (1,02%).

No mês, o índice de difusão dos preços, que mostra o percentual de itens com aumento, foi de 64,99%. Esta tendência reforça o impacto dos componentes considerados importantes, como energia elétrica e combustível, tornando o cenário mais arriscado, pois esses itens são base para formação de outros preços e a elevação pode levar a um efeito em cascata, contaminando outros itens.

Já em setembro, o Transporte chegou a 17,93%, Habitação 14,00%, alimentação e bebidas 12,54% e artigos residenciais 12,58%, no acumulado de 12 meses.

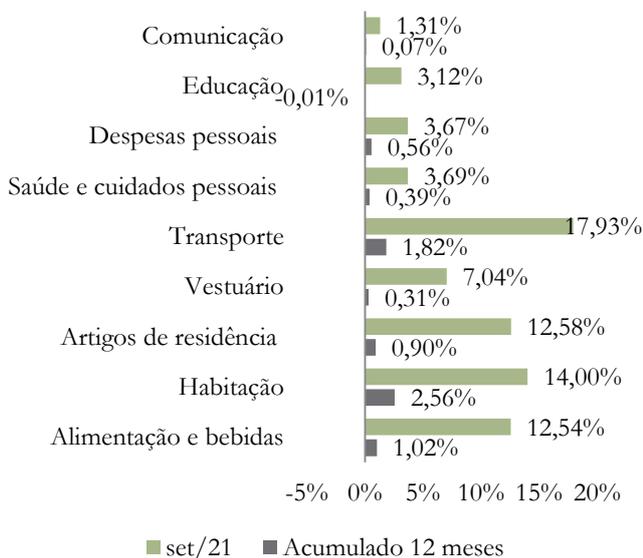
Ao analisar a cesta de produtos, a aceleração no mês foi influenciada, sobretudo, pela alta de energia elétrica (6,47%), resultante da entrada em vigor da bandeira Escassez Hídrica, que acrescenta R\$ 14,20 na conta de luz a cada 100 kWh consumidos. No grupo de habitação pesa o acréscimo no gás de botijão (3,91%), que acumula alta de 34,67% em 12 meses.

No grupo de transportes, novamente, a alta dos combustíveis (veículos) em 2,43% no mês de setembro segue pressionando a cadeia produtiva e o consumo das famílias. Em 12 meses a inflação é de 42,02% para os combustíveis, resultado da elevação do barril de petróleo chegou ao patamar US\$ 78,52 no final de setembro, acréscimo de 53,68% frente ao valor do início do ano corrente (US\$ 51,09) e desvalorização do real, que desde o início da pandemia retraiu 28%, passando a taxa de câmbio nominal de R\$/US\$ 4,24 (02/02/20) para R\$/US\$ 5,43 (30/09/21).

A pressão dos alimentos permanece forte, principalmente, os produtos para a alimentação no domicílio, que subiram 1,19% na passagem do mês. Contribuíram para a elevação as variações das frutas (5,39%), do café moído (5,50%), do frango inteiro (4,50%) e do frango em pedaços (4,42%). Em 12 meses, há elevação nas carnes (28,84%), óleo e gorduras (27,45%) e açúcares e derivados (18,0%).

No grupo de artigos de residência a alta ocorreu para móveis e utensílios e aparelhos eletrônicos em 13,23% e 12,15% para o acumulado de 12 meses. Esse resultado está vinculado ao aumento da demanda dos consumidores, que ampliaram o consumo desses itens durante a pandemia e da desestruturação de cadeia produtiva, que tiveram fechamento em certos momentos da pandemia, bem como da elevação dos preços de matérias-primas vinculadas ao dólar.

### IPCA por agrupamento



A disseminação dos preços em diversos produtos é observada comparando a inflação acumulada de dezembro de 2020 para 12 meses, que se concentrava no grupo de alimentação e bebidas (14,09%), enquanto outros setores o impacto era menor, tais como Transporte (1,03%), Habitação (5,25%), artigos residenciais (6,0%) e deflação no Vestuário de -1,13%.